

América Latina: solitária na indústria jornalística, presente na imprensa das classes populares*

Alexandre Barbosa**

*Alguien me pregunta de dónde soy
y yo no contesto lo siguiente:
Nací cerca de Cuzco,
admiro a Puebla,
me inspira el ron de las Antillas,
canto con voz argentina,
creo en Santa Rosa de Lima,
y en los orichas de Bahía.
(Nicomedes Santacruz)*

Resumo

Este artigo mostra como a América Latina pode se tornar categoria de seleção e construção de notícias para a imprensa das classes populares, como por exemplo, para o *Jornal dos Sem Terra*, publicação mensal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para usar a figura de Gabriel García Márquez em *Cem anos de solidão*, a América Latina é solitária quando se refere aos critérios de noticiabilidade na imprensa hegemônica brasileira, mas se converte em instrumento de identidade e solidariedade para a imprensa dos movimentos sociais, como defendia Mario Kaplún.

Palavras-chave: América Latina. Imprensa das classes populares. Critérios de noticiabilidade. Jornal do MST.

Abstract

This research demonstrates how Latin America might become a category of selection and construction of news to the mass media, for instance, to the *MST Newspaper*, a monthly publication of Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Taking as example the figure of Gabriel García Márquez in *One hundred years of solitude*, Latin America is solitary, when it refers to the notability guidelines at the Brazilian hegemonic press, but it converts to an identity tool for the press of the social movements, as advocated by Mario Kaplún.

Key-words: Latin America. Mass media. Notability guidelines. MST Newspaper.

* Data de recebimento: 15/09/2017

** Alexandre Barbosa: Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP), especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP), jornalista (UMESP). Pesquisador e professor do Celacc (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura), professor contratado do curso de Jornalismo da ECA-USP e professor dos cursos de jornalismo da Fapcom e da Uninove. Autor do livro *A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira* (Alexa Cultural) e organizador dos livros *Jornalismo em gêneros*, volumes I, II e III, publicados pela ECA-USP. Autor de artigos sobre Comunicação e Cultura popular da América Latina, publicados em revistas científicas do Brasil e da América Latina.

Introdução

O ano de 2017 marca os 50 anos da publicação do romance *Cem anos de solidão*, do escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez. Essa efeméride é importante para a América Latina não só pelo valor literário da obra, uma das principais do realismo Mágico, mas também pelo que *Cem anos de solidão* representa como espelho da América Latina. Nas palavras de Mario Vargas Llosa:

Como la familia Buendía sintetiza y refleja a Macondo, Macondo sintetiza y refleja a la realidad real: su historia condensa la historia humana, los estados por los que atraviesa corresponden, en sus grandes lineamientos, a los de cualquier sociedad, y en sus detalles, a los de cualquier sociedad subdesarrollada, aunque más específicamente a las latinoamericanas. (LLOSA, 2007, p. XXX).

O romance traz repetição dos nomes de Josés Arcádios, Amarantás, Úrsulas, Renatas e Aurelianos e de ciclos pelos quais passam os personagens: o Coronel Aureliano Buendía faz peixinhos de ouro que vende por moedas de ouro usadas na fabricação de novos peixinhos; Amaranta faz e desfaz sua mortalha; os pergaminhos de Melquíades não são decifrados. Essas repetições podem ser interpretadas também como os ciclos pelos quais passam os povos da América Latina ao longo de sua história.

Desde que os exploradores europeus desembarcaram nas terras do que mais tarde se chamaria América, a região sofre ciclos de exploração. E, tão tristes como os episódios de repressão e massacre aos mo-

vimentos populares são os de esquecimento, empreendidos pela historiografia oficial ou pelos meios de comunicação.

Os ciclos de repressão na América Latina começaram com o massacre das populações autóctones, seguidos pela violência da escravidão africana. Vieram as lutas de independência com diferentes características. Depois, já nas repúblicas, as camadas populares excluídas dos diferentes países promoveram de greves operárias a lutas por reforma agrária durante todo o século XX, que assistiu, no seu terço final, a uma sequência de golpes de Estado e ditaduras militares.

Na virada para o século XXI, as elites nacionais e seus veículos de comunicação orquestraram campanhas de criminalização e desestabilização dos governos progressistas que chegaram ao poder pela via eleitoral. Essas campanhas reforçam ações históricas que também criminalizaram, ou deixaram cair no esquecimento, significativos episódios de lutas populares.

Este artigo pretende mostrar que, se ainda na segunda década do século XXI, a América Latina continua solitária nos meios de comunicação hegemônicos do Brasil, para a imprensa dos movimentos sociais, a América Latina representa a resistência como preservação da identidade:

A cultura subalterna contém elementos que podem contribuir para romper o isolamento a que as classes populares estão condenadas, através dos movimentos e mobilizações populares nos quais as pessoas se encontram, identificam-se, geram formas democráticas de comunicação, símbolos, canções, palavras de ordem, etc. Estas formas de resistência cultural

remetem à preservação da identidade, frente aos desafios da sobrevivência. (FERREIRA, 1995, p. 88-90).

Visão norte-americana de um escritor latino-americano

Entre os exemplos de coberturas que excluem a América Latina como categoria de construção das notícias, mesmo quando ela é a pauta, pode-se citar a cobertura feita pelo *Jornal da Globo*, telejornal noturno da Rede Globo, sobre a morte do escritor Gabriel García Márquez.

Por razões financeiras e também ideológicas, os veículos de comunicação brasileiros não mantêm correspondentes nos países latino-americanos. A preferência é por correspondentes nos países centrais do capitalismo, como EUA, Inglaterra e Japão. Na América Latina, a Argentina tem um correspondente responsável por cobrir os acontecimentos em toda a região. Quando o acontecimento ocorre no México, geralmente é o correspondente dos EUA que faz a cobertura.

O escritor colombiano Gabriel García Márquez morreu no México, em 17 de abril de 2014. A morte foi confirmada no final da tarde. Como não era possível o envio de um correspondente, em virtude dos prazos de produção do telejornal, a cobertura da morte teve como gancho a repercussão do fato nos EUA, apurada pelo correspondente em Nova York, como mostra, transcrição da reportagem do *Jornal da Globo*, de 17 abril:

Âncora (Cristiane Pelajo) – Leitores do mundo todo lamentaram a morte do escritor colombiano Gabriel Gar-

cía Márquez, aos 87 anos. Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, Gabo, como era conhecido, vendeu mais de 40 milhões de livros, que foram traduzidos para 36 idiomas. A gente vai ao vivo a Nova York, conversar com Jorge Pontual. Boa noite, Pontual. Aí nos Estados Unidos, o ex-presidente americano Bill Clinton e o atual também, Barack Obama, são fãs das histórias de García Márquez.

Jorge Pontual – É, Cristiane. A Casa Branca divulgou uma nota pessoal do presidente Obama. Ele conta que García Márquez foi um de seus escritores favoritos na juventude e que teve o privilégio de visitá-lo no México. Já o ex-presidente Bill Clinton disse que foi amigo pessoal do escritor nos últimos vinte anos.

[OFF] Jorge Pontual – O corpo de García Márquez saiu da casa dele, na Cidade do México, e foi levado no final da tarde para uma funerária. Num comunicado, segundo a agência EFE, a família informou que o corpo deve ser cremado numa cerimônia particular. [...].

A transcrição evidencia a consequência da ausência de correspondentes nos países latino-americanos. Como não havia correspondentes da principal emissora de TV brasileira no México, a cobertura teve de contar com material de agências internacionais. Este é apenas um exemplo do tratamento dado pela imprensa hegemônica à pauta da América Latina: mesmo quando os acontecimentos da região atendem aos critérios de noticiabilidade da indústria jornalística, o processo de construção da notí-

cia secundariza ou menospreza os aspectos da cultura popular latino-americana. Ou seja, o modo de produção da imprensa hegemônica não considera a América Latina uma categoria de seleção e construção das notícias, como ser verã a seguir.

Modos de produção no jornalismo

A análise dos veículos jornalísticos, a partir dos conceitos de Lenin e Gramsci, pode levar também a uma leitura de que há dois modos de produção no jornalismo, assim como existem, como afirma Mario Kaplún (2002, p. 54), duas maneiras de se entender o termo *comunicação*.

No senso comum, predomina o sentido do termo *comunicação* como “o ato de informar, transmitir ou emitir”. De acordo com Kaplún, há uma definição mais antiga para comunicação, derivada da raiz latina *communis* – a mesma raiz de comunidade, de comunhão. Comunicação significaria, portanto, diálogo, intercâmbio, compartilhamento, fazer correspondência.

Para Kaplún, o motivo de esse significado mais antigo (o da comunidade) ter ficado à sombra do primeiro (o de informar e transmitir) pode ser encontrado no desenvolvimento dos meios de comunicação social, como a imprensa, o rádio e a televisão.

Los norteamericanos – sus grandes propulsores – los denominaron simplemente mass media: médios masivos o de masas. Pero después, para legitimarse y afirmar su prestigio, ellos mismos comenzaron a llamarse “medios de comunicación social”. Se apropiaron del término “comunicación”. Y ahí probablemente nació el equívoco. (KAPLÚN, 2002, p. 54).

Kaplún afirma que a forma de operar dessas mídias converteu-se em modelo de comunicação e, para estudá-las, foi construída uma teoria da comunicação focada, principalmente, na transmissão de sinais e mensagens.

Así, en lugar de partir de las relaciones humanas, fueron la técnica, la ingeniería, la electrónica – y las poderosas empresas propietarias de los medios – quienes impulsaron la forma de concebir la comunicación. (KAPLÚN, 2002, p. 54-55).

Essa redução do significado do que é comunicação encaixou-se no conceito hegemônico da segunda metade do século XX, de supervalorização dos meios de transmissão de mensagens e também no caráter autoritário e hierárquico das sociedades. Kaplún mostra que esse clássico modelo (emissor-mensagem-receptor) é a descrição do que, geralmente, a sociedade capitalista entende por comunicação, ou seja, aquela entre o chefe e seus subordinados, o empresário e seus trabalhadores, o professor e seus alunos, o pai de família e seus filhos, o governante e os governados, o jornal e seus leitores, a classe dominante e a dominada e as grandes potências com os países da periferia do capitalismo.

La controversia para recuperar el sentido original del concepto de comunicación entraña, pues, mucho más que una simple cuestión semántica, de diccionario. Ella conlleva una reivindicación humana, y, sobre todo, una reivindicación de los sectores dominados, hasta ahora los grandes excluidos de las

grandes redes transmisoras. La polémica tiene una dimensión social y política. (KAPLÚN, 2002, p. 56).

Kaplún lembra que, na América Latina, há movimentos que, além de reclamar por justiça e igualdade, também reclamam seu direito à comunicação, querem ser escutados e querem ser interlocutores, abrindo caminho para o que ele chama de comunicação comunitária.

En el fondo de las dos acepciones, subyace una opción básica a la que se enfrenta la humanidad. Definir qué entendemos por comunicación, equivale a decir en qué clase de sociedad queremos vivir. La primera acepción – la que reduce la comunicación a transmisión de informaciones – corresponde a una sociedad concebida como poder: unos pocos emisores imponiéndose a una mayoría de receptores. La segunda, a una sociedad construida como comunidad democrática. (KAPLÚN, 2002, p. 56, grifos nossos).

Se ao optar por um conceito de comunicação, também se opta pelo tipo de sociedade em que se quer viver, Kaplún afirma que, da comunicação dominadora, se desprende uma sociedade vertical, monopolizada, concentrada nas minorias, enquanto da comunicação comunitária se desprende uma sociedade participativa, a serviço da maioria, horizontal.

Conseqüentemente, também é possível afirmar que o modo de produção jornalística

adotado em um veículo de comunicação pode ensejar um desses modelos de sociedade. O **modo de produção jornalística** compreende todas as etapas da transformação dos acontecimentos em notícia, da seleção desses acontecimentos à forma como a notícia é construída.

Se, na imprensa hegemônica, a América Latina não é considerada uma categoria de seleção e construção das notícias, a imprensa das classes trabalhadoras considera a região uma importante categoria, tanto para selecionar como para construir o noticiário.

No percurso acadêmico que levou à redação da dissertação de mestrado *A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira* (BARBOSA, 2005),¹ pôde-se concluir que a indústria jornalística seleciona e exclui fatos no processo de transformação de acontecimentos em notícia. Esse processo exclui a América Latina, como constataram diversos trabalhos sobre a comunicação na região, entre eles o do ex-correspondente internacional e representante da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Brasil, Guillermo Piernes.

[...] chegaram os jornais, os rádios, os televisores, os satélites, os computadores. As cataratas de notícias, de imagens, tornando o mundo mais próximo. Mas na Pátria Grande com que sonhou Bolívar sabe-se muito pouco das outras nações vizinhas e irmãs. Quase cinco séculos depois da chegada dos europeus ao continente, os povos dos países latino-americanos pouco intercambiam em matéria de infor-

¹ A dissertação de mestrado *A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira* traz exemplos de como a indústria jornalística criminaliza ou menospreza os países da América Latina em seu noticiário.

mação, de cultura [...]. A integração latino-americana, sonhada, desejada, clamada, só será consolidada quando os povos latino-americanos se conhecerem melhor. E isso só será possível com uma comunicação de massas que sustente esse ideal. Os latino-americanos, por interesses mesquinhos, incompetência, falta de recursos ou de imaginação, cumprimos com muito pouco de nosso papel na melhoria da comunicação social da região. (PIERNES, 1990, p. 9-10).

De acordo com Piernes, depois de refletir sobre a prática do jornalismo internacional no continente, a “América Latina está enxertada num sistema internacional que opera de maneira inevitável a favor dos países de mais alto desenvolvimento” (1990, p. 13).

Para Barbosa (2005), as propostas de alteração desse cenário de solidão passariam pelo desenvolvimento dos meios de comunicação dos movimentos sociais latino-americanos que teriam, como diferencial ideológico, a inclusão da América Latina Popular como categoria de seleção e construção das notícias, como faz o *Jornal Sem Terra*.

A solidariedade internacional como critério de seleção e construção das notícias no *Jornal Sem Terra*

O *Jornal Sem Terra* é o órgão oficial do movimento. Produzido ininterruptamente desde 1981, quando nasceu com o nome de *Boletim Informativo da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra*, já ultrapassou as

300 edições. Com periodicidade mensal, colorida, no formato tabloide, a publicação passou por alguns estágios que acompanharam as definições políticas do Movimento, especialmente após os encontros nacionais. Uma importante tarefa exercida pelo *Jornal Sem Terra* é ser uma das poucas vozes no jornalismo brasileiro a adotar a América Latina como categoria de seleção e construção de notícias, o que não é prática comum nos veículos da indústria jornalística.

O *Jornal Sem Terra*, desde as primeiras edições, sempre publicou artigos e reportagens sobre as diferentes lutas na América Latina e divulgou campanhas de solidariedade a outros países. Quando a editoria de Internacional fixa-se como um elemento da publicação, é possível compreender que, dentro do trabalho de elevação da consciência crítica dos trabalhadores rurais, a luta pela terra desprende-se do seu caráter economicista e passa a compreender o valor da união das classes operárias e o valor da unidade latino-americana, como forma de criar outra sociedade.

Assim, a América Latina foi se tornando uma categoria de seleção e construção de notícias para o *Jornal Sem Terra*. O que era um continente esquecido pela indústria jornalística brasileira passou a ser uma importante categoria de fortalecimento da consciência crítica e da unidade entre os trabalhadores.

Na página 14 da edição 39, de outubro de 1984, ano que marca a fundação da organização nacional do movimento, três edições apenas após o início oficial do *Jornal Sem Terra*, foi veiculada, pela primeira vez, uma reportagem de solidariedade internacional à América Latina, o que viria a ser uma prática constante do movimento. An-

tes, nas edições 37 e 38, havia apenas uma referência para exibição de slides sobre o aniversário da chegada dos sandinistas ao poder na Nicarágua. Ou seja, o MST já nasceu compreendendo o caráter internacionalista da luta dos trabalhadores.



Figura 1 – Primeira referência à solidariedade latino-americana, já na edição 39.

Nessa edição, em página inteira, sob o chapéu Entrevista, o *Jornal Sem Terra* traz uma entrevista com o responsável pelo setor de ativismo da União Nacional de Agricultores e Pecuaristas da Nicarágua, Ofilio Reyes Hernandez. A abordagem da entrevista traça um paralelo entre o movimento camponês no Brasil e na Nicarágua. Entre as perguntas do jornal para o dirigente nicaraguense, estavam: “Qual foi a participação dos camponeses na revolução sandinista?”; “Como era a organização dos trabalhadores sem terra?”. Abaixo da entrevista, uma retranca explica os cinco

anos da vitória sandinista: “Há 5 anos, o povo tomou o poder”.

Depois dessa primeira matéria, as próximas edições, frequentemente, apresentariam textos sobre a América Latina, até a coluna Internacional ser fixada no jornal.

Dessa edição em diante, a América Latina passa a ser referência constante e acompanha a geopolítica do continente. Durante a década de 1980, as intervenções norte-americanas na América Central, com destaque para os conflitos na Nicarágua e em El Salvador, tornam-se pauta para o *JST*. Na edição 48, de novembro de 1985, a página 14 é dedicada a uma entrevista com o vice-presidente da Nicarágua, Sergio Ramirez Mercado, e tem como foco os conflitos nos países centro-americanos, além de reforçar a campanha de solidariedade ao governo sandinista. Em março de 1986, uma nota na página 12 apela para a solidariedade ao povo salvadorenho por meio da divulgação de materiais disponíveis no Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina (CBS).

A luta dos trabalhadores chilenos para derrubar a ditadura de Pinochet é pauta da edição 55, de agosto de 1986, com uma nota sobre o “Primeiro Encontro Nacional da Mulher Rural”, que aconteceu em julho, no Chile. Novamente, o texto faz referência à solidariedade das camponesas do MST com lutas dos trabalhadores chilenos e também do povo Mapuche.

Em 1987, celebraram-se os 20 anos da morte de Che Guevara, na Bolívia, e a edição 67, de outubro, traz notas sobre esse fato e também sobre Chile, Paraguai, Colômbia e El Salvador. Do ponto de vista dos critérios de noticiabilidade, a nota sobre Che Guevara é uma efeméride, mas as notas sobre os demais países procuram fazer

uma contextualização das lutas dos trabalhadores nesses países.

Na edição 77, de outubro de 1988, a publicação aproveitou uma efeméride – os 8 anos da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador – para incluir uma entrevista com um representante do grupo no Brasil. Na mesma página, para continuar a sequência de denúncias sobre a Colômbia, o gancho foi a realização do “Terceiro Encontro Nacional pela Paz”, em Bogotá.

A América Latina ganha a capa da edição 88, de outubro de 1989, com a reportagem sobre a “Campanha de Autodescobrimento da América”. O jornal cobriu o Encontro Latino-Americano Camponês e Indígena que aconteceu em setembro, em Bogotá, como início da campanha que faria uma série de manifestações referentes aos 500 anos da colonização europeia na América Latina, que ocorreriam em 1992. O jornal reproduz os documentos aprovados no encontro e traz também outros textos que discutem a questão da mulher trabalhadora e a repressão na Colômbia, além de duas notas sobre a Guatemala e El Salvador.

Também sob o chapéu América Latina, é publicada uma reportagem sobre a premiação da guatemalteca Rigoberta Menchú com o prêmio Nobel da Paz. Abaixo da reportagem, artigo do Frei Sérgio Gorgen, intitulado “Ressurreição da utopia”, sobre a atualidade do pensamento humanista de Che Guevara. Na outra página, um texto biográfico sobre o revolucionário argentino em razão dos 25 anos de sua morte, também citado no editorial.

Guevara é pauta constante do *Jornal Sem Terra*. Em 1997, os 30 anos da morte do guerrilheiro coincidiram com a transferência para Santa Clara, em Cuba, dos

restos mortais de Che e de outros guerrilheiros, que foram descobertos numa vala clandestina, em Vallegrande, Bolívia. O texto mais factual descreve essa cerimônia em Cuba e também os eventos que ocorreram em Rosário (Argentina), cidade natal de Guevara. Abaixo desse texto, um artigo sobre o seminário promovido pela revista *América Libre*, também em Rosário, que debateu – mais uma vez – a contribuição de Guevara para o fortalecimento das ideias marxistas no continente.

Em 2007, no aniversário de 40 anos, novamente Che Guevara é lembrado na edição 277, de outubro. Na página 3, o jornal traduz artigo da secretária de redação da revista *América Libre*, Cláudia Korol. Como nas vezes anteriores, o artigo mostra a atualidade do exemplo e do pensamento de Guevara para as lutas na América Latina, com ênfase na criação do homem novo, personificado nos próprios exemplos de Che. As homenagens que ocorreram em La Higuera, Bolívia, local em que Guevara foi assassinado, são citadas na editoria Balaio:

Quarenta anos após a morte de Che, seu legado permanece vivo e seus ensinamentos são referência para militantes da América Latina e do mundo. [...] À meia-noite começou uma vigília que terminou no dia 9, com uma mística comandada pela Via Campesina Internacional. A resistência dos povos latino-americanos nesses últimos 40 anos deixa claro que a burguesia e o imperialismo conseguiram matar o corpo, mas jamais assassinarão a História. Che, o homem que se transformou num dos maiores símbolos da luta pela liberdade dos povos latino-americanos, caribenhos

e africanos permanece VIVO! (JORNAL SEM TERRA, ed. 277, p. 15, outubro de 2007).

Desde o início dos anos 2000, no quarto estágio da política de comunicação do movimento, quando o *Jornal Sem Terra* se consolida como um veículo de conscientização política, a figura de Guevara ainda aparece como referência histórica e sua biografia é relembrada, como na reportagem sobre os 80 anos de seu nascimento, na edição 288, de dezembro de 2008

No dia 14 de junho deste ano, o argentino Ernesto Che Guevara completaria 80 anos. Ele poderia estar entre nós, caso não tivesse sido assassinado em 1967, aos 39 anos. Foi morto nas montanhas da Bolívia, a mando do imperialismo estadunidense. Para manter viva a chama revolucionária de Che, a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) realizou entre os dias 20 e 24 de outubro, o seminário “América Latina: os 80 anos do nascimento e legado de Che”. (JORNAL SEM TERRA, ed. 288, p. 7, dezembro de 2008).

As reportagens também procuram demonstrar a aproximação do MST com os demais movimentos camponeses internacionais. Em 1994, o jornal publica o resultado do I Congresso Latino-Americano de Organizações do Campo (CLOC) em duas páginas, com direito à reprodução, na íntegra, da Declaração Final do Congresso de Lima, que se encerra:

Levante América, mãe de tantas raízes, continente de esperança, ter-

ra do futuro, terra de Martí, terra de Zapata, terra de Mariátegui, terra de Sandino, terra de Bolívar e de tantos heróis e heroínas a quem rendemos desde aqui nossa homenagem. Lima, 25 de fevereiro de 1994. (JORNAL SEM TERRA, ed. 134, p. 15, março de 1994).

A CLOC é uma entidade continental que já realizou, até 2012, cinco congressos e que congrega 84 organizações de 18 países. É integrante, também, da Via Campesina, movimento internacional, criado em 1993, que agrupa milhões de camponeses, pequenos produtores, agricultores sem terra, indígenas, migrantes e trabalhadores agrícolas por todo o mundo. Entre as bandeiras, estão agricultura sustentável de pequena escala e oposição ao agronegócio e às multinacionais.

Após 2002, com a chegada ao poder de novos governantes oriundos de movimentos nacionalistas, progressistas ou de esquerda na América Latina, o *Jornal Sem Terra* passa a dar frequente cobertura para esses países. A partir de 2007, com a caracterização do jornal como um instrumento de formação, os textos são explícitos sobre o apoio às iniciativas populares nos demais países da América Latina.

Por exemplo, dentro da editoria Estados, que, geralmente, é dedicada às notícias da organização do movimento em cada um dos estados brasileiros, aparece uma nota, na edição 277, de outubro de 2007, sobre a I Conferência Internacional Vozes de Nuestra América, que aconteceu em Fortaleza e no Rio de Janeiro. De acordo com o jornal, a conferência é uma consequência dos estudos desenvolvidos na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) sobre América Latina

O evento tem como pano de fundo as ideias de latino-americanos como o cubano José Martí, o venezuelano Simón Bolívar, o nicaraguense Augusto Sandino, o peruano Jose Carlos Mariátegui, o argentino Ernesto Che Guevara e os brasileiros Rui Mauro Marini e Florestan Fernandes. [...] “Vamos compartilhar aqui o conhecimento e virar grandes multiplicadores dessa América livre, unida e socialista”, propôs o coordenador da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), Adelar Pizeta. [...] A conferência nasceu como desdobramento dos programas de estudo da ENFF e dialoga com o atual momento da América Latina, marcado pelos ventos transformadores que sopram no continente. Entre os assuntos debatidos estarão as experiências dos venezuelanos na Revolução Bolivariana, das revoltas populares na Bolívia, dos piqueteiros argentinos e do sandinismo na Nicarágua. (JORNAL SEM TERRA, ed. 277, p. 6, outubro de 2007).

O nascimento da primeira universidade latino-americana de agroecologia da Via Campesina é comemorado com uma matéria na edição 291, de abril de 2009. Batizada de Paulo Freire, a universidade está sediada na Venezuela e reúne estudantes de sete países no curso de graduação em Engenharia Agroecológica.

A diferença desta universidade é que ela tem sua origem no berço das várias lutas, mobilizações e organizações camponesas e indígenas que se organizam em torno da Via Campesina. Resultado de uma soma de esforços com objetivo de qualificar-

mos e avançarmos na formação/educação política e técnica da juventude que mora nas comunidades, a escola contribui para recuperar as sementes crioulas, alterar o modo de produção, concretizando a soberania alimentar e a organização social e econômica local. Investir em educação e formação estão entre as principais linhas dos destes movimentos sociais envolvidos. O Iala Paulo Freire constitui-se como uma ferramenta de formação político-ideológica e técnica dos camponeses e indígenas. Serve como instrumento de luta da classe trabalhadora internacional e de solidariedade entre os povos em luta. Um novo aprendizado para todas as organizações e movimentos do campo, de como unir a ideologia com a técnica a serviço da luta dos trabalhadores. O Iala é uma construção coletiva, um território de integração e solidariedade entre todos os lutadores e lutadoras das organizações de todos os países. [...] As experiências dos Ialas surgem nos marcos da Alternativa Bolivariana das Américas (Alba), que acontece na prática política com muito espírito de sacrifício de vários militantes que fazem acontecer a experiência no dia a dia, muitas vezes privados de acesso aos recursos do Estado e governos, mas que encontram forças para criar alternativas nas lutas, na história de resistências, no modo de vida simples de nossas comunidades camponesas. (JORNAL SEM TERRA, ed. 291, p. 13, abril de 2009).

A formação da aliança entre os países latino-americanos de governos progressistas ou de esquerda, batizada de Alba (Alter-

nativa Bolivariana para os Povos de Nossa América), que nasceu como alternativa à ALCA, rendeu reportagens como a entrevista com Joel Suarez, do Centro Memorial Martin Luther King, de Cuba, em outubro de 2009, intitulada “América Latina no olho do furacão”. A entrevista pretendia explicar a relação das lutas do MST com os acontecimentos da geopolítica latino-americana.

Ainda sobre as iniciativas de integração dos movimentos sociais latino-americanos, as edições 306, de setembro de 2010, e 308, de novembro/dezembro de 2010, trazem coberturas sobre o 4º Fórum Social das Américas e o 5º Congresso da Coordenação Latino-Americana de Organizações do Campo (CLOC).

A cobertura do 4º Fórum foi assinada por Cristiane Passos, do setor de comunicação da CPT. Além de resumir os principais pontos do evento, a reportagem traz um panorama sobre a monocultura de soja no Cone Sul, concluindo com o reforço das ideias da Via Campesina sobre soberania alimentar e preservação dos povos. Nessa edição, há a chamada para o 5º Congresso da CLOC, que será o tema de reportagem na edição 308.

Nessa mesma página, uma matéria traz o interessante título “Amores em Tempos de Cólera”, referência à obra de Gabriel García Márquez, *Amor nos tempos do cólera*. A matéria refere-se à solidariedade com jovens haitianos, que passariam um ano no Brasil, como uma das marcas do MST, que, segundo o texto, é um movimento que se desenvolveu a partir da solidariedade com outros povos em luta:

Dentro dos valores fundantes do MST está a solidariedade. O nosso Movimento é fruto de um processo

de intercâmbio e solidariedade com os povos em lutas e isso contribuiu para sermos o que somos. É nesse espírito que desde janeiro de 2009 a Via Campesina Brasil iniciou um processo de intercâmbio e solidariedade com o povo e organizações do Haiti, onde se constituiu e está em plena atuação a Brigada Dessalines (em homenagem ao líder Jean-Jacques Dessalines, que ajudou no processo de libertação e fundou a República do Haiti), composta por 32 militantes de vários estados do Brasil. Os objetivos desse intercâmbio são fortalecer a solidariedade de classe entre as organizações camponesas dos países; conhecer e aprender a partir das experiências de lutas, organização, produção agroecológica, formação, alfabetização, educação, políticas de alianças, cultura e mística. Os militantes que estão vivendo em solo haitiano já dominam o idioma local chamado Kreole, o que é fundamental para se comunicar com o povo e desenvolver os projetos. Foi com muita alegria e emoção que recebemos em solo brasileiro 76 jovens militantes das várias organizações do Haiti que irão viver por um ano no Brasil, nos espaços e estruturas das organizações e movimentos da Via Campesina. Após um mês na Escola Nacional Florestan Fernandes, onde tiveram aulas de português, geografia e história do Brasil, eles irão para os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Sergipe. A proposta de distribuição e atuação nos estados foi feita de acordo com os critérios e perfis dos jovens e as necessidades de conhecimentos e

aprendizados que as organizações do Haiti nos apresentaram. (JORNAL SEM TERRA, ed. 308, p. 12, novembro/dezembro de 2010).

Na editoria Lutadores do povo, além de personagens da história do Brasil e do próprio movimento, o *Jornal Sem Terra* traz também referências do restante da América Latina. Como exemplos, as edições 291, de abril de 2009, e 306, setembro de 2010, que trazem, respectivamente, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e Victor Jara.

O texto sobre os zapatistas tem como gancho os 15 anos do levante zapatista em Chiapas e é assinado por uma integrante do setor de formação do MST, Tatiana de Oliveira, que contextualiza o histórico do movimento e aborda a questão social no México e na América Latina, e finaliza com um depoimento pessoal

Baseados na rebeldia, na origem indígena e na luta armada, milhares de camponeses no sul do México, no estado de Chiapas (um dos mais pobres do país), há pouco mais de 25 anos, organizaram o maior movimento camponês deste país, que recebeu o nome de Exército Zapatista de Libertação Nacional [...]. O nome zapatistas homenageia Emiliano Zapata Salazar, um dos líderes da Revolução Mexicana que, entre 1910 e 1917, ajudou a conduzir, juntamente com Francisco “Pancho” Villa, um grande movimento político que foi capaz de mobilizar milhares de trabalhadores e trabalhadoras das classes populares na luta pelos direitos fundamentais do povo mexicano e pela implementação da

Reforma Agrária. Foi a primeira Reforma Agrária massiva vista na história do México. [...] Trabalho, alimentação, saúde, terra, teto, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz, formam os justos 11 pontos das reivindicações elementares dos zapatistas, que somente podem ser atingidos mediante uma profunda transformação social no México, que não se restringe ao processo eleitoral. Cansados de tantas promessas e da repressão dos governos, os zapatistas decidiram construir na prática sua concepção de democracia, liberdade e justiça, e decidiram, há alguns anos, pela criação dos territórios autônomos, com a criação das Juntas do Bom Governo e dos Caracóis, através dos assentamentos zapatistas, governados por meio do chamado poder que vem do povo (autogoverno). Foi em um destes territórios, o Caracol de La Garucha, que eu estive representando a Via Campesina Brasil, em dezembro de 2007, no I Encontro das mulheres zapatistas com os povos do mundo, no qual pude apresentar o testemunho das mulheres sobre os anos de existência do EZLN. Elas, a todo dia, reafirmaram a importância de terem aderido ao Levante de 1994 e, mais ainda, a importância de continuar lutando, porque preferem morrer lutando a voltar a morrer de enfermidades ou de fome, como antes de 1994. Para tanto, definiam a unidade, a disciplina e o companheirismo como os três elementos necessários para seguir firmes na luta. (JORNAL SEM TERRA, ed. 291, p. 13, abril de 2009).



Figura 2 – América Latina: presença constante na pauta.

O compositor, cantor e dramaturgo chileno Victor Jara foi escolhido para ilustrar a editoria em setembro, mês em que se lembra tanto de seu nascimento como de sua morte. O texto, assinado por Felipe Cano-va, integrante da brigada de audiovisual da Via Campesina e do coletivo de cultura do MST, além da biografia de Jara, resume os fatos em torno do golpe militar que derrubou o governo socialista de Salvador Allende e também assassinou o cantor chileno, procurando estabelecer semelhanças com a vida e luta dos trabalhadores rurais

Arte como ferramenta de resistência do povo trabalhador. O cantor chileno Victor Jara, em sua obra, apresenta o sentido e a razão do seu cantar: a luta de seu povo pela libertação. Nascido em 28 de setembro de 1932, no povoado de Lonquen, filho dos camponeses Manuel e Amanda, desde pequeno ajudava o pai nas li-

das do campo. [...] Victor vai cantar as lembranças desse tempo em canções como *El Arado*, *Plegaria a un Labrador*, *La Pala*, *El Lazo*, entre outras. Ele acreditava que “a melhor escola para o canto é a vida”. Coerente com essa afirmação, cantou seu tempo e também se envolveu nas lutas de seu povo. [...] Militante comunista, Victor Jara defendeu a Unidade Popular com seu violão e suas músicas que expressavam o ponto de vista da classe trabalhadora do campo e da cidade. (JORNAL SEM TERRA, ed. 306, p. 11, setembro de 2010).

Como último exemplo, a reprodução da coluna Balaio, da edição 291, de abril de 2009, mostra como a América Latina pode ser considerada uma pauta para efemérides (início da ditadura militar no Brasil, Revolução de 1952 na Bolívia e assassinato de Emiliano Zapata), dicas de cultura (filme *Che*, de

Soderbergh) e de leitura (indicação do livro *Campesinato e agronegócio na América Latina*, de Bernardo Mançano Fernandes).

Considerações finais

Os exemplos mostrados neste artigo pretendem mostrar que a América Latina pode ser considerada uma categoria de seleção e construção de notícias para contribuir com a conscientização política e o espírito de luta internacional dos trabalhadores do MST.

A luta pela terra, desde o nascimento do MST, passa a solidarizar-se com as lutas

das classes populares na América Latina, referências constante tanto nas publicações como nas formações do movimento. Assim, a América Latina (sua história, seus personagens e suas lutas) é tema recorrente e constante, tanto nas publicações como nos livros e nas formações.

Estas ações do MST estimulam a consciência crítica para construir outras formas de comunicação que tragam esperança de que a América Latina, tão negligenciada pela indústria cultural e pela indústria jornalística, se torne elemento catalisador das ações de emancipação das classes populares.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Alexandre. *A comunicação do MST: uma ação política contra-hegemônica*. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2013.

_____. *A solidão da América Latina na indústria jornalística brasileira*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

FERREIRA, Maria Nazareth (Org). *Cultura e comunicação: perspectivas para a América Latina*. São Paulo: CELACC/ECA, 2007.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Comunicação e resistência na imprensa proletária*. Tese (Livre-docência em Cultura Brasileira) – Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

_____. *Globalização e identidade cultural na América Latina: a cultura subalterna frente ao neoliberalismo*. São Paulo: CEBELA, 1995.

_____. (Org). *Cultura, comunicação e movimentos sociais*. São Paulo: CELACC; ECA, 1999.

KAPLÚN, Mario. *Una pedagogía de la comunicación* (el comunicador popular). La Habana: Editorial Caminos, 2002.

LLOSA, Mario Vargas. Cien Años de Soledad. Realidad total, novela total. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien Años de Soledad*. Edición Conmemorativa. Espanha: Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española, 2007.

LUDMER, Josefina. *Cem anos de solidão: uma interpretação*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Boletim Sem Terra*. Porto Alegre. Números 01-35, maio/1981-abril/1984.

_____. *Jornal Sem Terra*. Porto Alegre; São Paulo. Números 36-316, julho/1984-dezembro/2011.

_____. *MST: lutas e conquistas*. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2010.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PIERNES, Guillermo. *Comunicação e desintegração na América Latina*. Brasília: Editora da Unb, 1990.

RIBEIRO, Darcy. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ROUQUIÉ, A. *O Extremo-Occidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.